

**Cartas e cartografias urbanas: diálogos  
sobre a experiência estética num desejo de  
compreender a cidade contemporânea**

**Letters and urban cartographies: dialogues about  
aesthetic experience a desire to understand the  
contemporary city**

*Rodrigo Gonçalves dos Santos*

*Ramon Martins da Silva*

## Resumo

O ensaio é composto por quatro cartas trocadas entre os autores; nelas são descritas cidades fantásticas, procurando gerar, por essas descrições, um deslocamento para refletir sobre as cidades contemporâneas e seus processos de expressão territorial e planejamento. Optamos por uma escritura experimental, que procura trazer o lugar do sensível na compreensão e percepção da cidade. As cartas acionam um marco teórico fenomenológico e a partir dele reflexões sobre a experiência perceptiva e estética da cidade são realizadas, fazendo voar o desejo de uma cidade que possa ser um laboratório urbano preñado de possibilidades nas constituições dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Percepção urbana; Experiência estética, fenomenologia; Cidade, poética.

## Abstract

The essay consists of four letters exchanged between the authors; in which fantastic cities are described, looking to generate, through these descriptions, an offset to reflect on contemporary cities and their processes of expression and territorial planning. We chose an experimental writing, that seeks to bring the place of sensitive understanding and perception of the city. The letters trigger a phenomenological and from his reflections on perceptual experience and aesthetics of the city are performed theoretical framework, making the desire to fly a city that can be a fraught urban laboratory of possibilities in the constitutions of subjects.

**Keywords:** Urban perception; Aesthetic experience, phenomenology; City, poetic.

ISSN: 2175-2346

### **Situando um início: processos de expressão territorial, a dimensão corporal e o lugar do sensível**

Pensar no processo de concepção e percepção relacionadas ao território remete-nos a uma essência daquele que desenha a cidade. Trazemos à tona, assim, preocupações acerca da percepção e compreensão urbana numa tentativa de olhar para a gênese da atividade que define um campo vasto inerente à condição de ser-arquiteto-urbanista. As preocupações recaem na possibilidade de se ver a cidade. É um debate acerca da visualidade da cidade, da materialidade do que é planejado e projetado. A expressão da ideia é um diálogo com o outro, e esse diálogo toca um acesso ao repertório sensível dos que se envolvem no processo projetual.

Pensamos que independentemente do canal utilizado para expor o que a mente gera, na percepção e compreensão da cidade o corpo é o suporte para todas as manifestações, e o ser humano usa a habilidade corporal para se expressar estruturando uma consciência a partir de um centro sensorial. Logo, distinguimos três dimensões – a corporal, a emocional e a mental –, que servem como canais de intercâmbio de interação com o outro. Assim, poderíamos defender que o processo de compreensão da cidade pode ser uma experiência perceptiva que marca um corpo. Compartilhamos da noção de corpo apontada por Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção*. Trata-se de nosso próprio corpo tal como o experimentamos, de dentro, um corpo que se ergue em direção ao mundo. É o corpo considerado particularmente nosso, ou seja, quando importa saber sobre o corpo de quem estamos falando.

Assim, não podemos encarar nosso próprio corpo de maneira distanciada e puramente objetiva e na terceira pessoa, como se fosse apenas um exemplo de corpo humano. É nosso corpo, aquele por meio do qual nossos pensamentos e sentimentos entram em contato com os objetos. É assim que um mundo existe para nós: um corpo em primeira pessoa, o sujeito da experiência. Não fazemos contato com o mundo apenas pensando sobre ele. Nós experimentamos o mundo com os sentidos, agindo sobre ele por meio da mais sofisticada tecnologia até os movimentos mais primitivos, tendo sobre eles sentimentos que nos dão uma gama de complexidade e sutileza.

### **A potência do processo estético no exercício da escrita: uma maneira de se falar sobre a cidade**

Desenvolvemos um exercício textual capaz de movimentar territórios, e por meio de tal pudéssemos falar sobre a cidade. É uma maneira de percebermos possibilidades de ver a cidade. Adentramos em potências de microterritorialidades nas quais se entende o sujeito como articulador de expressões territoriais por meio de processos estéticos e da própria experiência estética e perceptiva da cidade.

É por esta razão que nosso texto exigiu uma escritura. Uma escritura, que é uma espécie de laboratório. Seguimos, desse modo, a sugestão de Jacques Derrida quando nos explicita que “o tempo da escritura já não segue a linha dos presentes modificados. O futuro não é um presente futuro, ontem não é um presente passado” (DERRIDA, 2009, p. 434).

Assim, nosso manuscrito consiste em um ensaio concebido a partir da troca de cartas trocadas entre nós, autores deste ensaio, cujo conteúdo consistia na descrição

de cidades. Esse jogo de escrita foi motivado pelo estudo abordado no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – de Ramon Martins da Silva (SILVA, 2014) – e o parecer resultante da avaliação de tal trabalho. Assim, instigado pela abordagem temática, o integrante da banca de tal TCC, Rodrigo Gonçalves dos Santos, considerou transformar o parecer final em uma carta com comentários acerca do deslocamento resultante do conteúdo pesquisado no trabalho, por ocasião da leitura. Meses depois, criamos um jogo de troca de e-mails, nos quais aprofundamos aquele diálogo; questões relacionadas à cidade foram belamente delineadas por meio de narrativas de cidades fantásticas que serviram de dispositivos para situarmos a problemática política, social e cultural das cidades contemporâneas.

Trouxemos com este ensaio o que Merleau-Ponty explicita sobre a exploração do mundo percebido. Uma das constatações apontadas pelo autor é o conceito de coisa à maneira clássica, na qual podemos considerar como coisa “um sistema de qualidades oferecidas aos diferentes sentidos e reunidas por um ato de síntese intelectual” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 19). No entanto, o próprio pensamento fenomenológico nos coloca uma insatisfação acerca deste conceito tão sistemático. A própria sistematização das qualidades das coisas é incompleta a nossos sentidos, já que é praticamente impossível não unirmos as diversas qualidades ou propriedades a outras qualidades ou propriedades da própria coisa. Assim, as coisas possuem uma unidade de ser em que todas as qualidades são diferentes manifestações.

Por meio dos e-mails trocados entre nós, autores, podemos indagar como os sentidos e a unidade da coisa explicam um mundo percebido e, principalmente, como compreender uma experiência perceptiva e estética da cidade. A unidade da coisa, com suas diferentes qualidades, pertencem, em princípio, aos distintos mundos da visão, do olfato, do tato, entre outros. Vemos, assim, que cada uma dessas qualidades não se encontra isolada, elas possuem uma significação afetiva que coloca cada qualidade da coisa se correspondendo com a significação afetiva de outro sentido. Conseguimos situar, dessa maneira, o que Juhani Pallasmaa nos acena quando se refere às observações no tocante à cidade e como elas podem ser narradas:

Essas observações sugerem que uma das razões pelas quais os contextos arquitetônicos e urbanos de nossa época tendem a nos fazer sentir como forasteiros, em comparação com o extremo envolvimento emocional provocado pelos contextos naturais e históricos, é sua pobreza em termos de visão periférica. A percepção periférica inconsciente transforma a gestalt da retina em experiências espaciais e corporais. A visão periférica nos integra com o espaço, enquanto a visão focada nos arranca para fora do espaço, nos tornando meros espectadores. (PALLASMAA, 2011, p. 13)

Cada cor configura uma espécie de atmosfera moral, e o mesmo ocorre com os sons ou com os dados táteis. Podemos dizer que cada dado tátil tem seu equivalente em som, temperatura ou cheiro. Isso explica a experiência humana no que se refere à significação emocional, relacionando esta experiência com as reações que as coisas provocam em nosso corpo. Notamos que aqui se estabelece um debate entre o sujeito e o território urbano. O sujeito define e entende (ou percebe) o território urbano por meio de uma certa relação deste território com o próprio sujeito. A cidade nos sugere

ou nos impõe uma conduta, uma atração, uma sedução, uma fascinação, quando se confronta conosco. O território urbano, devidamente nomeado e caracterizado, é um certo comportamento do mundo com relação a nosso corpo e a nós. Pensamos, ainda, que as cidades (territórios urbanos por excelência), as quais nos ligamos às vezes por uma paixão singular, são catalizadoras de desejo nas quais o desejo humano se manifesta ou cristaliza.

Pallasmaa (2008, p. 483) nos traz reflexões interessantes sobre uma relação entre a forma arquitetônica e urbana e o modo pela qual é experimentada. Seu principal argumento é de que o planejamento se transformou numa espécie de jogo de formas no qual a experiência real da arquitetura e do urbanismo tem sido negligenciada. Segundo seus estudos, cometemos o erro de pensar e julgar uma cidade como uma composição formal, e já não a compreendemos como um símbolo ou experimentamos a outra realidade que está por trás do símbolo. Com isso em mente, refletimos, juntamente com Pallasmaa (2008), sobre um pensar as formas ou a geometria, provocando algum sentimento arquitetônico e urbano. Seriam justamente tais formas os verdadeiros elementos fundamentais da experiência perceptiva da cidade?

A partir de Merleau-Ponty (2004) e Pallasmaa (2008), deixamos claro que a fenomenologia da arquitetura e urbanismo é *olhar e contemplar* a arquitetura e a cidade a partir da consciência de quem as vivencia, com o sentimento arquitetônico-urbano em oposição à análise das propriedades e proporções físicas da construção ou de um quadro de referência estilístico. A fenomenologia da arquitetura e do urbanismo busca a linguagem interna da construção do território arquitetônico-urbano.

### Carta Um

Caro Ramon,

Faz tempo desde tua defesa de TCC. Coincidência ou não, após nossa conversa em tua banca, decidi trazer mais poesia à minha vida urbana. Decolei numa viagem pelas cidades ora visíveis, ora invisíveis. Como me lembrei de teu trabalho! Propus-me, assim, descrever-te minhas impressões... Deixei as imagens para trás, pois não poetizei com elas tão bem como conseguiste... Apropriei-me da escrita, e deixei minhas palavras formarem as imagens para, quem sabe, tu desenvolveres algo semelhante ao que fizeste em teu TCC. Assim, meu parecer não seria formal... Meu parecer seria uma poesia. É ali, na margem da poesia que me embbedo e é ali que trarei minhas contribuições de viajante urbano. Inspiro-me no diálogo de Marco Polo e Kublai Kan... Imagino poesia urbana. Dei um título... Seria uma carta? Copiei daquele TCC do passado que me inspirou a viagem.

“A cidade pulsa” (SILVA, 2014).

Realizei um percurso numa cidade que apresentaste sutilmente em teu texto de tempos atrás. No teu TCC, apeguei-me na cidade dos carrapatos, na cidade das linhas... Aquelas linhas que apontavam o céu. Consegui vê-las acompanhando os postes... Apareceu-me o céu como nunca antes havia aparecido... Um céu urbano. O adjetivo urbano me traz beleza. Detive-me por um tempo. Lancei uma risada.... Aquele céu, Ramon, não existe mais.... As linhas criaram um cruzamento de informações virtuais que hoje escondem a essência da cidade, daquela cidade tão bem fotografa por ti e teus transeuntes... E os transeuntes daquele tempo? Será que ainda existem hoje? Será que a experiência que proporcionaste a eles os marcaram a ponto de eles conseguirem acessar céus tão belos como aqueles de outrora? Podias escrever, hoje, sobre isto... Acho que seria um texto delicioso... Das linhas passo aos carrapatos. Naqueles tempos de teu TCC, os tempos de aquecimento global ridicularizado por muitos, já denunciavas uma estética urba-

na intimista. Os carrapatos faziam com que nós nos enclausurássemos em nossas salas apertadas com frescor. E o que nos restava? Carrapatos... Acabei lançando outra risada. Aqueles carrapatos, hoje, criaram vida, Ramon! Andam por toda a cidade. Só que hoje, é difícil dizer quem é o carrapato: o aparelho ou as pessoas que os carregam. Parece-me que a cidade mecanizou-se tanto que aparelhos anexados viraram protagonistas e protagonistas de outros tempos anexaram-se a aparelhos. Mas, engraçado, percebi isso naquele passado não muito longe de teu TCC. Logo, Ramon, as partes delgadas e contínuas ainda estão lá... Reparei ruínas na cidade que transitei, e tais ruínas também me evidenciaram uma cidade em obras. Penso que a cidade sempre estará em obras. Talvez esse seja o legado do ser humano à história. Talvez esse tenha sido o legado de teu TCC a teus colegas designers-artistas que tentam sobreviver na aridez urbana (e acadêmica): a cidade sempre esteve, está e estará em obras pois ela acompanha mudanças outras. Pergunto-te nesse futuro-anos-luz de teu TCC: a Sagrada Família de Gaudi já foi finalizada? Merecemos uma breve visita tua para nos informar, embora eu já saiba, de antemão, a resposta, pois a vida está sempre em obras, e em consequência a arquitetura e a cidade também.

Agora, o momento de meu percurso que mais fiquei introspectivo foi meu deleite com o mar. O mar de hoje, Ramon, não é o mesmo mar que me mostraste no TCC. Hoje podemos ter acesso irrestrito à nossa ponte de metal e é apenas dela que podemos ver o mar. Esta nossa ponte sempre foi a imagem de nossa resistência perante às atrocidades urbanas. Mas o cenário que dela vejo é meio estranho. O mar aparece-nos vez ou outra, em trocas de maré. Sua cor é um novo azul, descoberto numa paleta antiga numa escavação arqueológica de artefatos de design. Mas esse azul conseguimos ver apenas alguns breves momentos, pois na troca de maré os automóveis aguardam em um semáforo que emite um som intermitente de uma pseudorressaca de vento sul. Esse evento dura uns 10 segundos, o tempo do semáforo, após isso a maré é trocada, fecha-se o pequeno canal pelo qual passa o mar e os carros andam sobre o canal fechado a toda velocidade. Não temos mais pontes para ligar a ilha ao continente. É uma nova modalidade de aterro que deu status à nossa ponte de metal e agilidade ao trânsito ainda caótico. O azul some e se tivermos sorte podemos ver algumas gotas que teimosamente saltaram da antiga baía cimentada e devidamente canalizada em prol de um desenvolvimento automobilístico e urbano. Mas, acima disto tudo, sobrevive nossa ponte, para mim, um exemplo digno das trocas e dos mortos... Energias trocadas em espaços quase que sagrados. O mar e sua imensidão hoje, se resume a 10 segundos nas trocas da maré. Pelo menos ainda o vemos (ou pensamos que o vemos). Ah, esse teu TCC de sabor tão nostálgico...

“Respiro poesia porque oxigênio mata” (SILVA, 2014, p. 179)

E o relato de meu percurso-parecer chega ao fim... Ao fim, mas não se cala. Ecoa. Sobrevive, com a graça de Ítalo Calvino, aos olhos de Kublai Kan e Marco Polo e nas palavras de Ramon: “quantas cidades podem existir dentro de uma só cidade” (SILVA, 2014, p. 357).

## Carta Dois

Amigo Rodrigo,

A cidade realmente pulsa. Nunca estive tão certo. Teu relato me apresenta provas desta condição de constante mutabilidade e assim aumento minha coleção de paisagens urbanas existentes em um mesmo espaço. Como encontram-se diferentes as coisas neste algum ano dos anos dois mil! É a profusão das linhas que cortam horizontalmente o céu azul, este que não é mais azul e sim listrado. É a proliferação dos carrapatos que infestam a cidade a tal ponto de interferir nas relações sociais e no percurso dos transeuntes. É o mar solidificado e as trocas de maré alternadas e controladas por um semáforo de luz vermelha intermitente.

Sinto que a cidade continua a correr apressada para chegar a algum lugar. Seu relato, Rodrigo, e as histórias contadas pelos meus amigos transeuntes têm me feito questionar que lugar é esse. As partes delgadas e contínuas nos dizem que

o céu é o destino, que é a atmosfera etérea e transcendental a seta que orienta as constantes transformações no espaço urbano. Mas a que distância se encontra o céu? Gostaria que tu me respondeste a quantos passos o céu distancia-se de nós mesmos. Tenho percebido que caminhar nesta direção é como percorrer por um cenário desconhecido sem algum mapa. Quanto mais percorremos, mais o céu parece se afastar de nossas mãos...

Nas cidades que um dia você conheceu, continuo a realizar meu percurso acompanhado dos meus caros transeuntes. Como ainda restam coisas para descobrir pelo percurso! Nas horas pares, visualizo a pressa no semblante das pessoas que correm pelas ruas numa tentativa desesperada de dilatar o tempo. Já nas horas ímpares, vejo repousos desapressados que observam o tempo passar de baixo de uma imponente árvore verde. Durante o dia, vejo o movimento de entra e sai constante dos prédios dispostos sequencialmente pelas ruas. Percebo uma cidade que não se estabelece como tal devido às trocas realizadas entre seus espaços públicos e seus cidadãos, mas sim, estabelece-se como cidade ao propiciar uma aglomeração de dispositivos de poder.

Atento-me à predominância da passagem: os cidadãos transitam pelas ruas em um movimento de deslocamento entre um espaço interior para um outro espaço interior. As ruas são vias, meras ligações entre um ponto de partida e um destino bastante claro. Em estações específicas, vejo uma cidade que concentra apressados turistas tentando vivê-la ao máximo. Transeuntes apressados que disputam pelo melhor ângulo fotográfico das construções que inserem condição de lugar a cada viela, estabelecidas intencionalmente como o nome de cada lugar. Ao fim de um dia qualquer, enquanto um transeunte me leva para ver o pôr-do-sol à beira-mar, outro prefere mostrar-me os resíduos acumulados pelas ruas em um dia de atividade, quando os estabelecimentos comerciais fecham suas portas e se preparam para o dia seguinte.

E os carrapatos, Rodrigo, como estão saudáveis! Percebo que, neste algum ano dos anos dois mil que trazes, eles não consomem mais baterias ou impulsos elétricos, eles passaram a consumir a própria vida dos transeuntes. Seriam carrapatos a percorrer pela cidade ao invés dos meus velhos amigos transeuntes? Nos tempos de céu azul e mar delineado pelo horizonte, o percurso era definido pelas intenções e objetivos de quem desenhava seu caminho sobre o mapa urbano. Nesta nova cidade que me apresentas, questiono-me sobre quem (ou o que) define os espaços e vias a se percorrer. Para que direção caminham os carrapatos?

A Sagrada Família, caro amigo, continua lá. Infelizmente não pude mais tocá-la como naqueles tempos em que respirava o ar mediterrâneo de certa cidade. Mas tenho notícias de que, finalizada ou não, sua imagem permanece estática onde eu a senti da última vez em que nela toquei. Sua imagem continua a despertar fascínio e a impulsionar flashes fotográficos impulsivamente. Como trabalham os tais carrapatos...

Assim como concordamos, a cidade sempre estará em construção. As obras, aquelas que um dia certo transeunte me apresentou em uma cidade cercada pelo que costumávamos chamar de mar, continuam a acontecer. Elas simplesmente deslocaram-se e agora se encontram em outros pontos do mapa. Partes da cidade ainda escondem-se timidamente por trás de tapumes. O transeunte caminha pelas ruas e as velhas fachadas ainda estão lá. Silenciosas, a respirar lentamente, sobrevivendo, lançam seus olhares tímidos entre os andaimes e uma promessa de vida nova. Camadas de história sobre histórias são construídas, assim como anúncios são colados uns aos outros em um poste de luz qualquer.

A cidade modifica-se conforme as transformações do ser cidadão que se desloca e transita por seus espaços, caro Rodrigo, ou a cidade é alterada conforme os percursos e os deslocamentos realizados pelo transeunte? Vejo diferentes cidades em uma mesma delimitação geográfica... Vejo constantes transformações no espaço e nos transeuntes... Em uma destas cidades, uma vez um sábio me disse que reconstruir a cidade é reconstruir a nós mesmos... Cidade e transeunte coexistem e se alimentam... Ah, como ainda me fascino ao descobrir cada canto destas cidades...

## Carta Três

Caro Ramon,

Refleti muito acerca de sua pergunta: a quantos passos o céu distancia-se de nós mesmos? Essa sua pergunta gera um deslocamento, meu amigo... Deslocamento físico e metafórico, mas acima de tudo, um deslocamento urbano. Em nossa cidade, agora um pouco mais comportada e contida, recentemente discutíamos um dispositivo legislativo que controla índices, as construções e o uso do solo urbano. A discussão gerou inúmeros deslocamentos até o céu, pois somente a partir dele, conseguíamos perceber a cidade e suas manchas urbanas. Eram lindas cartografias coloridas que tentávamos reproduzi-las no papel para depois serem aprovadas como dispositivos para controlar aquilo que já havia sido colorido. Era uma tentativa de acompanhar as cores da dinâmica urbana, e, assim, ter um controle sobre as disputas do passado e do futuro, enquanto as do presente aconteciam sem regras. No entanto, justamente essas disputas do presente eram as que determinariam a quantos passos ficaria o céu do futuro! O curioso é que toda a discussão era muito líquida e as cores dos mapas assumiam formas diferentes a cada dia. Acredite ou não, Ramon, ainda estamos em litígio sobre a quantidade das cores que serão reproduzidas no mapa do futuro, embora o do passado seja o que mais ganha forma a cada deslocamento até o céu, determinando, dessa maneira onipresente, a quantidade de passos que o céu se distancia de nós mesmos. Penso ser uma (nova) crise. Mas as imagens coloridas da cidade vista do céu ainda cegam os mais céticos...

Percebi uma nova transformação, essa sutil, mas com uma força inacreditável, Ramon. Distanciando-me um pouco da primeira impressão compreendi o quanto o mar fascina meus conterrâneos, mas o quanto esse mesmo mar traz uma esclerose urbana. Todos querem ficar perto do mar, mas todos o açoitam com benfeitorias que o matam. Contraditório, não? Mas ainda nessa contradição vejo uma poesia (meio mórbida) que esclarece uma condição humana. Avenidas rasgam restingas como uma cobra preta que contrasta com o branco da areia e o azul do mar. Essas cobras pretas separam o transeunte, mas aproxima um aparelho que prolonga os pés daqueles que se deslocam pela cidade e facilitam conexões urbanas cada vez mais individualistas. Achei fantástico! Aproximamo-nos ao mesmo tempo que nos separamos. Entendeste, Ramon, o quanto esclerosados urbanisticamente nos encontramos? Ainda assim, ficamos estarecidos pelos aparelhos que prolongam nossos pés e trocamos tais aparelhos a cada versão mais nova. Dizem que agora eles conversam conosco dizendo como podemos chegar mais rápido à praia e a que temperatura se encontra a água do mar. O brilho excessivo da tecnologia resplandece e traz novas manchas de cores ao nosso mapa urbano. Talvez seja uma nova estética que nem conseguimos alcançar por estarmos tão imersos nela mesma.

Mas tudo isso me preocupa quando lembro de alguns clássicos, caro Ramon. Janes Jacobs nos aconselharia a usar óculos em nossos poucos olhos da rua... As ruas transformaram-se em cenários de filmes hollywoodianos com bulevares e águas coloridas que contam com mecanismos que distanciam as diferentes castas que habitam a cidade. De acordo com as diferenças de cada casta, criam-se anéis invisíveis que segregam os seres humanos. Quem mais se assemelha é reunido em um anel invisível, gerando inúmeros anéis concêntricos. O critério para estar distante do centro sempre privilegia uns em detrimento de outros. Percebo uma “ligeira” fissura no tecido urbano, e arrisco-me a dizer que percebo manchas de tristeza e indignação que poderão explodir de uma hora para outra colapsando uma (pseudo)ordem. Noto um movimento de novos anéis que separam os seres que habitam a cidade por faixas etárias, sexo, estilo de vida... Seria este um reflexo de cobras pretas e aparelhos que prolongam nossos pés isolando transeuntes e ofuscando proximidades? Seriam os aparelhos que prolongam nossos pés os verdadeiros usuários da cidade? Seriam eles aliados dos carrapatos, Ramon? Aqui reflito quando dizes que os carrapatos andam saudáveis... Os carrapatos podem ser que sim, mas os seres humanos, tenho minhas dúvidas.

Acho que essa minha carta traz um tom de amargura e uma falta de perspectiva

futura... Mas ainda vejo poesia, Ramon... Principalmente quando teimo em me deslocar até o céu para ver as manchas urbanas que sobrevivem na cartografia da cidade. É ali que vejo como a cidade pulsa.

### Carta Quatro

Amigo Rodrigo,

Compreendo o tom de amargura que ecoa das últimas palavras que me colocas. As cidades são complexas. Vemos contradições por todos os cantos. Cidadãos que praticam as cidades e exercem seu direito a elas muitas vezes disputam interesses com dirigentes mal preparados, ao invés de conjuntamente tratarem de construir um espaço favorável ao bem estar coletivo. Seria utopia o bem estar coletivo, meu caro? Governantes assumem a autoria pelo desenho das cidades e machucam a cartografia, de tal forma a ignorar a mutação contínua gerada pelos trânsitos diários. Desconhecedores dos poderes enigmáticos das cidades, eles traçam vias cheias de buracos e desvios traiçoeiros. A escala humana muitas vezes torna-se esquecida no percurso até o céu em detrimento de interesses não compartilhados ou da viabilização do tal plano dos anéis concêntricos. O órgão vivo chamado cidade pulsa, respira. De forma ofegante, mas respira. E por isso continua a inspirar-me.

Ao observar as diferentes percepções sobre as poéticas urbanas, questiono-me: de onde nasce a poesia? Ela não é feita de matéria. Ela é um assopro do vento sul que faz girar um pequeno cata-vento disposto no parapeito de um segundo-andar ou uma tormenta que arranca os galhos secos e os joga numa lagoa enfurecida. Ela é o som dos pássaros que ainda sobrevoam o ambiente urbano na esperança de encontrar um espaço verde ou o som das obras que se funde ao som que escapa dos tais prolongamentos de nossos pés. A poesia de fato existe em meio aos fixos e fluxos urbanos ou é a nossa inconsciência, desesperada e sedenta por cores, assim interpretando as nuances da cidade como forma de sobrevivência? Percebo-a como resultado da atuação de diferentes lados. A cidade é um emaranhado de linhas de diferentes espécies, algumas tocam-se no cruzamento enquanto outras se repelem como polos magnéticos iguais. Percebo a poesia urbana como aquela bela imagem que nos mostra uma rosa que brota em meio aos espinhos. Na aridez urbana, a poesia surge como um dispositivo sublime que descontinua os sentidos. Desconcentra, desnorteia, desatina.

Diante da esclerose e das outras tantas enfermidades urbanas, enquanto tu observas a poesia ao se deslocar ao céu para contemplar as manchas urbanas que se espalham na superfície cartográfica, eu concentro-me no que ainda resta de azul. Cada transeunte com a sua cidade, cada ser cívico caminhante com a sua particular maneira de encontrar oxigênio em um espaço muitas vezes asfixiante. Entre as linhas, os carrapatos e os anéis concêntricos, ainda contemplo o azul do horizonte e do mar. Sim, o mar. O mar tão açoitado como comentaste. As mazelas, as benfeitorias e demais artificios que solidificam e acinzentam o espaço urbano não são capazes de ofuscar completamente a fascinação que ele ainda gera nos transeuntes. Como é poderoso este mar! Ele não esquece do transeunte, traz convites, talvez sejam súplicas... Ainda mescla-se ao horizonte na cocriação de um dispositivo propício a trocas energéticas. Ele desafoga-me quando encontro dificuldades para mergulhar e nadar na liquidez da vida contemporânea e me orienta quando me descompasso no ritmo urbano acelerado da cidade. Vejo o horizonte e o mar construindo de forma sublime um altar. Aproveito este altar enquanto ele ainda não se encontra por detrás dos tapumes...

Impressiono-me, Rodrigo, com o quanto o céu ocupa espaço em nosso diálogo. Como estão os demais elementos apresentados por Calvino como sustentáculos das cidades invisíveis? Neste algum ano dos anos dois mil ou em uma outra próxima combinação numérica, indago-me sobre a cor que encontram-se os olhos e se os mesmos ainda brilham incessantemente. Indago-me, também, em quantos gigas ou infinitos-bytes tem persistido a memória. A imensidão do céu as vezes parece ofuscar os demais alicerces... As cidades-cenários que espetacularizam os percursos, Rodrigo, são os frutos do tal desenvolvimento pretensiosamente eté-

Rodrigo Gonçalves dos Santos

Ramon Martins da Silva

reo. Nelas, imagino que os olhos e a memória, assim como todas as demais partes, flutuam no infinito e são partes condicionadas à escalada apressada até o céu. A memória deve estar ostentada nas fachadas, enquanto por dentro as construções abrigam o vazio e a lembrança dissipa-se ao ser evaporada aos poucos pelas frestas. Já os olhos, estes devem agora precisar de lentes de contato para poderem continuar a brilhar... O céu é o que parece ditar as regras por estas cidades...

São os seres humanos ou são os carrapatos. Quem anda, quem conduz, quem decide quais vias percorrer ou quem sente a temperatura da água do mar. Quem tem vivido a cidade? Quais experiências sensíveis as cidades visíveis e invisíveis têm verdadeiramente nos proporcionado? Eu prefiro acreditar que a poesia existe e que a cidade continua a propiciar inspiros em mim e em meus companheiros transeuntes.

E por fim...

Quando se chega a Tecla, pouco se vê da cidade, escondida atrás dos tapumes, das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas, das pontes de madeira suspensas por cabos ou apoiadas em cavaletes, das escadas de corda, dos fardos de juta. À pergunta: Por que a construção de Tecla prolonga-se por tanto tempo?, os habitantes, sem deixar de içar baldes, de baixar cabos de ferro, de mover longos pincéis para cima e para baixo, respondem:

– Para que não comece a destruição. – E, questionados se temem que após a retirada dos andaimes a cidade comece a desmoronar e a despedaçar-se, acrescentam rapidamente, sussurrando: – Não só a cidade.

Se, insatisfeito com as respostas, alguém espia através dos cercados, vê guindastes que erguem outros guindastes, armações que revestem outras armações, traves que escoram outras traves.

– Qual é o sentido de tanta construção? – pergunta. – Qual é o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade? Onde está o plano que vocês seguem, o projeto?

– Mostraremos assim que terminar a jornada de trabalho; agora não podemos ser interrompidos – respondem.

O trabalho cessa ao pôr-do-sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. É uma noite estrelada.

– Eis o projeto – dizem.

(CALVINO, 1990, p. 117)

É neste momento que pensamos em como os espaços estão por serem acabados, estão inacabados. Tal como a cidade de Tecla belamente descrita por Italo Calvino em seu livro *As cidades invisíveis*, acreditamos que cada espaço por que passamos tem como plano, como projeto, o desenho mutante das estrelas, onde nascem e morrem milhares delas todos os dias (ou noites?). Acreditamos que é difícil finalizar um espaço enclausurando-o num desenho final de relacionamentos, possibilidades e trajetórias... Desde o espaço doméstico de uma casa até a complexidade urbana de uma cidade pode-se ver o inacabamento. Identificamos aí neste inacabamento a zona litorânea que queremos estar para observar, para pôr entre parênteses, para realizar nossa leitura fenomenológica.

Iñaki Ábalos, no texto *Picasso em férias: a casa fenomenológica*, de seu livro *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*, faz-nos pensar a respeito desta constelação como o projeto, como o planejamento de ações, um norteador da apropriação do espaço. Ábalos ressalta que o olhar fenomenológico não carrega consigo uma consistência temporal, mas uma intensidade do vínculo pessoal com o espaço como fenômeno do sentido (tanto emocional quanto intelectual). O sujeito protagonista seria, assim, um indivíduo diante de si mesmo e do mundo, um corpo sensível constituído

através de sua experiência, vinculado, por meio da intenção, ao mundo e às coisas. Com isso, percebemos que o tempo fenomenológico é um tempo lento e em suspensão, colocado entre parênteses, tornando-o também autoral e personalizado. É um tempo à margem de qualquer velocidade impulsionada quer pela nostalgia do passado ou pela incerteza do futuro.

Reparamos, ainda, que em Merleau-Ponty a intensificação da experiência e a suspensão do tempo são relevantes; assim como em Bachelard tudo será ativação da lembrança e do sonho. Sugerimos pensarmos o espaço fenomenológico com a técnica do devaneio (Bachelard) que nos remete à infância e à casa natal onde a relação entre o eu e o mundo, segundo Ábalos, ainda não foi deteriorada pela imposição de um modelo racional.

Assim, o sujeito que constitui e polariza a casa fenomenológica é um indivíduo cuja experiência do espaço provém tanto das lembranças e memórias do passado, quanto das experiências sensoriais do presente: o seu passado não é um passado transcendente, relacionado à linhagem, mas um passado imanente e individual, relacionado à infância e à dupla ação do segredo e da descoberta. O sujeito fenomenológico será o menino escondido em cada um de nós, desfrutando do prazer proporcionado por férias prolongadas nessa imaginária casa natal, em que a convivência com muitos facilita a multiplicação e, conseqüentemente, a dissolução das hierarquias familiares cotidianas (ÁBALOS, 2003, p. 96).

É interessante destacar que Bachelard ressalta que a casa não vive somente no dia a dia, no curso de uma história, na narrativa de nossa história. É por meio dos sonhos que as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros de dias antigos. Logo, quando, na nova casa, as lembranças das antigas moradas retornam, somos transportados a um país no qual vivemos fixações de felicidade. Desta maneira, somos reconfortados ao reviver lembranças de proteção. Bachelard ainda destaca que lembranças do mundo exterior não têm a mesma tonalidade das lembranças da casa, e, ao evocarmos as lembranças da casa adicionamos valores de sonho. O espaço fenomenológico constrói sua ideia através da excitação do ar, de uma ativação completa de sua inércia. O espaço deixa de ser compreendido como uma extensão neutra e transforma-se em um ente habitado por estímulos e reações e do nosso corpo entre eles. Desta maneira, qualquer objetividade é anulada, favorecendo uma presença protagonista polarizada pela revelação dos fenômenos físicos em interação com a própria subjetividade. O espaço passa a ser um contínuo umbral, uma transição na qual se regularizam os intercâmbios e se organiza a complexidade labiríntica.

Merleau-Ponty (1994) situa o espaço não como um ambiente (real ou lógico) onde as coisas se tornam possíveis. Em vez de imaginá-lo como uma espécie de éter no qual todas as coisas mergulham, o autor nos recomenda pensá-lo como a potência universal de suas conexões.

Portanto, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero vagamente o espaço ora como o ambiente das coisas, ora como seu atributo comum, ou então eu reflito, retomo o espaço em sua fonte, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra, e percebo então que elas só vivem por um sujeito que as trace e as suporte, passo do espaço espacializado ao espaço espacializante (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 328).

Assim, atentando a Merleau-Ponty, vemos a facilidade em mostrar que uma direção só pode existir para o sujeito que a traça, bem como um espírito constituinte pode traçar todas as direções no espaço.

Aceitamos o convite de Merleau-Ponty (1994) para investigar a experiência do espaço para aquém da distinção entre a forma e o conteúdo. O autor polidamente nos intimida ao postular que o “alto” e o “baixo” são simples nomes para designar uma orientação em si dos conteúdos sensoriais; intimida a quem manipula estes “simples nomes” para configurar espaços para as pessoas desenharem suas trajetórias com seus corpos. Intimida (ou coloca em perspectiva?) uma formação calcada num objetivismo. O conforto à intimidação vem do próprio Merleau-Ponty:

Assim como o alto e o baixo, a direita e a esquerda não são dados ao sujeito com os conteúdos percebidos e são constituídos a cada momento com um nível espacial em relação ao qual as coisas se situam, da mesma maneira a profundidade e a grandeza advêm às coisas pelo fato de que elas se situam em relação a um nível das distâncias e das grandezas que define o longe e o perto, o grande e o pequeno, anteriormente a qualquer objeto-referência. Quando dizemos que um objeto é gigantesco ou minúsculo, que ele está distante ou próximo, frequentemente é sem nenhuma comparação, mesmo implícita, com algum outro objeto ou mesmo com a grandeza e a posição objetiva de nosso próprio corpo, é apenas em relação a um certo ‘alcance’ de **nossos gestos**, a um certo ‘poder’ do corpo fenomenal sobre sua circunvizinhança. Se não quiséssemos reconhecer este enraizamento das grandezas e das distâncias, seríamos reenviados de um objeto referência a outro, sem compreender nunca como pode haver aqui distâncias ou grandezas para nós. ]Assim, a profundidade não pode ser compreendida como pensamento de um sujeito acósmico, mas como possibilidade de um **sujeito engajado**. [grifos nossos] (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 359-360).

Entendemos que, na condição de massa de dados táteis, labirínticos, cinestésicos, nosso corpo não tem mais orientação definida do que outros conteúdos. Esta orientação nos chega do nível geral da experiência, pois, por exemplo, se nos concentrarmos apenas no campo visual, tal concentração pode impor uma orientação que não é a do corpo. Sentimos, dessa maneira, um entrelaçamento do corpo com o espaço. O poder de mudar de nível e de compreender o espaço vem com a “posse” de um corpo, assim como a “posse” da voz traz consigo o poder de mudar de tom. “O campo perceptivo se apruma e, no final da experiência, eu o identifico sem conceito, porque coloco ali, por assim dizer, meu centro de gravidade” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 338).

Por fim, lançamo-nos sem muitos pudores às relações orgânicas entre o sujeito e o espaço, sabendo que pode ser nesse poder do sujeito sobre seu mundo a origem do espaço. Neste lançamento somos amparados num outro entrelaçamento. Neste novo entrelaçamento, o do espaço com a percepção, reparamos que, em geral, o espaço e a percepção indicam no interior do sujeito o fato de seu nascimento – a contribuição perpétua de sua corporeidade – ser uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento. Ainda engajados no entendimento das relações orgânicas entre sujeito e espaço, percebemos que os signos, de acordo com Merleau-Ponty (1994, p. 346), os quais hipoteticamente deveriam nos introduzir na experiência do espaço, só podem significar o espaço se tais signos já são apreendidos nele e se o espaço já é conhecido.

Assinala-se, dessa maneira, que a percepção é a iniciação ao mundo e que não podemos inserir nela as relações objetivas que em seu nível ainda não estão constituídas.

O conceito de experiência como algo que nos passa, que nos acontece, que nos toca, e não como algo que passa, acontece ou toca (LARROSA, 2002) é fascinante pelo simples discurso de deslocar para o sujeito a importância da experiência. Larrosa (2002) afirma que muitas coisas acontecem, mas muito pouco nos acontece, nos toca.

A experiência deve ser separada da informação, pois a informação não deixa lugar para a experiência. Estar "informado" é deixar que nada nos aconteça, pois não há espaço para, em virtude da velocidade, quantidade e qualidade de informações, um pensar naquilo que nos ocorre. Agregado a isso, pode também,

apontar que a opinião tal como a informação converteu-se em um imperativo, [...] em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre o que nos sentimos informados [...] Depois da informação vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, faz com que nada nos aconteça (LARROSA, 2002, p. 22).

Assim, o par informação/opinião desencadeia o que pensamos poder ser uma "aprendizagem significativa", o que, segundo o autor, é um dispositivo com funcionamento da seguinte maneira: informar-se sobre "algo", emitir uma opinião obviamente própria, criticar, segundo o seu próprio ponto de vista, este "algo". Isso configura, por meio desta opinião, uma dimensão significativa da aprendizagem significativa. Geralmente este opinar gira em torno estar favorável ou contrário a algo. Instala-se, então, nas palavras de Larrosa (2002), um dispositivo periodístico do saber e da aprendizagem, dispositivo este que torna impossível a experiência.

E a experiência e o tempo? Tudo que se passa se passa muito rápido, estímulos fugazes e instantâneos, excitações igualmente fugazes e instantâneas, vivências pontuais e fragmentadas...

Hoje, as coisas nos excitam por um momento sem deixar qualquer vestígio, semelhante às sucessivas páginas da internet que carregamos em nosso computador, carregadas de informações e estimulando (?) nossas (pseudo)opiniões. E, sem vestígio algum, recortamos e colamos os textos cibernéticos, fechamos as janelas dos *browsers* e continuamos ignorantemente céticos e cheios de uma antiexperiência ingenuamente chamada de experiência... Eis uma lástima... Na cidade tudo se organiza em pacotes de tempos efêmeros e fugazes, tão meteóricos que anulam qualquer experiência. Acelera-nos cotidianamente... e nada nos acontece...

E ao fim deste ensaio, chegamos a indagações outras. Entendemos o quão rica é a concepção do território no tocante aos processos estéticos e às experiências perceptivas. A cidade é um laboratório urbano preñado de possibilidades nas constituições dos sujeitos. Não há uma homogeneidade de subjetividades, nunca houve. Há micro-políticas híbridas que se acentuam a cada rua, cada praça, cada situação que a cidade nos presenteia e convida a experimentar. Optamos pelo entendimento da cidade como um território complexo e multifacetado que traz oportunidades de contaminações e interações que precisam ser cartografadas acionando a questão sensível no processo de concepção, planejamento e vivência do espaço urbano.

Encerramos (ou recomeçamos, talvez) com Juhani Pallasmaa:

O paradigma visual é a condição prevalente no planejamento urbano, das cidades ideais da Renascença aos princípios funcionalistas de zoneamento e planejamento que refletem a ‘higiene do ótico’. Em particular, a cidade contemporânea é cada vez mais a cidade dos olhos, desvinculada do corpo pelo movimento motorizado e rápido ou pela efêmera imagem que temos de um avião. Os processos de planejamento têm favorecido a idealização e a descorporificação dada pelos olhos cartesianos que controlam e isolam; os planos urbanísticos são visões extremamente idealizadas e esquematizadas vistas por meio do *le regard surplombant* (a vista de cima), (...) pelo ‘olho da mente’ de Platão. (PALLASMA, 2011, p. 28)

E seguimos sonhando com cidades visíveis e invisíveis...

### Referências

- ÁBALOS, Iñaki. *A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BRANDÃO, Ludmila de Lima. *A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002 p.20-28.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Conversas, 1948*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PALLASMAA, Juhani. *A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura*. In: NESBITT, Kate (org.) *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- RASMUSSEM, Steen Eiler. *Arquitetura vivenciada*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. *Perceber o (in)visível: o corpo desenhando uma trajetória existencial no espaço e no objeto*. 2011. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- SILVA, Ramon Martins da. *Um percurso por cidades visíveis e invisíveis: interferência no espaço público como possibilidade de significar a paisagem visual do ambiente urbano*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tecnologia em Design de Produto), Instituto Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- SYKES, A. Krista (org.) *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica (1993-2009)*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

## **Autores**

### **Rodrigo Gonçalves dos Santos**

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2011; mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2003; e graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1999.

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

rodgonca@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6817263676135627>

### **Ramon Martins da Silva**

Formado em Design de Produto pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), com estudos na área de Belas Artes pela Universitat de Barcelona, realiza investigações sobre a cidade e o cenário urbano, tendo a palavra e o audiovisual como linguagens predominantes aos seus atos de pesquisa e de prática.

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

ramonmartins@gmail.com

lattes: <http://lattes.cnpq.br/8728583769509861>